

A ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE NA LIBRAS

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

vanessa_gomesteixeira@hotmail.com

RESUMO

Língua é um sistema de signos constituído arbitrariamente por convenções sociais, que possibilita a comunicação entre os indivíduos. Além disso, ela é constituída por meio da cultura de uma sociedade, que também auxilia na construção da identidade desses indivíduos. No caso da língua de sinais brasileira (libras), essa não será apenas a língua natural da comunidade surda, como também irá refletir as singularidades do mundo surdo, onde ser surdo é fazer parte de uma realidade visual e desenvolver sua experiência na língua de sinais. No entanto, mesmo sendo a sua língua materna, a libras só teve seu *status* linguístico oficializado em 2002 e, até os dias de hoje, ainda sofre preconceito por parte de alguns estudiosos, que reduzem essa língua a simples gestos aleatórios ou a comparam com a mímica. Levando em conta essas considerações, o presente trabalho visa abordar questões ligadas à descrição da libras, pesquisando de que forma o conceito de iconicidade de Peirce e os conceitos de arbitrariedade de Saussure estão presentes nessa língua. A partir da análise do tema em questão e da pesquisa sobre a iconicidade e arbitrariedade na libras, esperamos que, além da descrição da língua brasileira de sinais, sejam discutidas questões que desconstruam preconceitos em relação à língua.

Palavras-chave: Iconicidade. Arbitrariedade. Signos. Libras. Sinais.

1. Introdução

Língua é um sistema de signos constituído arbitrariamente por convenções sociais, que possibilita a comunicação entre os indivíduos. Além disso, ela é constituída por meio da cultura de uma sociedade, que também auxilia na construção da identidade desses indivíduos.

No caso da língua de sinais brasileira (libras), essa não será apenas a língua natural da comunidade surda, como também irá refletir as singularidades do mundo surdo, onde ser surdo é fazer parte de uma realidade visual e desenvolver sua experiência na língua de sinais.

No entanto, mesmo sendo a sua língua materna, a libras só teve seu *status* linguístico oficializado em 2002 e, até os dias de hoje, ainda sofre preconceito por parte de alguns estudiosos, que reduzem essa língua a simples gestos aleatórios ou a comparam com a mímica.

Levando em conta essas considerações, o presente trabalho visa abordar questões ligadas à descrição da libras, pesquisando de que forma

o conceito de iconicidade de Peirce e os conceitos de arbitrariedade de Saussure estão presentes nessa língua.

2. A iconicidade na libras

A ideia de iconicidade é estudada pela pesquisa semiótica de Charles Sanders Peirce (1999), filósofo norte-americano contemporâneo de Saussure. Para Peirce (1999), em *Semiótica*, o signo é uma ideia e o mundo onde vivemos está rodeado deles. Como explica o filósofo:

[...] para que algo possa ser um Signo (expressão ou *representamen*), esse algo deve “representar”, [...] alguma outra coisa, chamada seu Objeto, apesar de ser talvez arbitrária a condição segundo a qual um Signo deve ser algo distinto de seu objeto. (PEIRCE, 1999, p. 47)

Antes de falarmos sobre iconicidade, é importante diferenciarmos três conceitos de sua teoria: o símbolo, o índice e o ícone. Segundo Martelotta (2011) em *Manual de Linguística*:

O símbolo, de acordo com Peirce, refere-se a determinado objeto, representando-o, com base em uma lei, hábito ou convenção, estabelecendo uma relação entre dois elementos. Para citar alguns exemplos, a cruz é o símbolo do cristianismo, e a balança, o símbolo da justiça. Uma característica importante do símbolo relaciona-se ao fato de que ele é parcialmente motivado, ou seja, há entre o símbolo e o conteúdo simbolizado alguns traços relacionados.

Há uma diferença fundamental entre o símbolo, de um lado, e o índice e o ícone, de outro, já que nesses dois últimos há um nível ainda menor de arbitrariedade. No caso do índice, ocorre uma relação de contiguidade com a realidade exterior: a fumaça, por exemplo, é o índice do fogo, e a presença de nuvens negras, o índice de chuva iminente.

O ícone, por sua vez, tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. A fotografia de um indivíduo, por exemplo, é uma representação icônica desse indivíduo, assim como o mapa do Rio de Janeiro representa a cidade. Assim, um ícone é qualquer coisa que seja utilizada para designar algo que lhe seja semelhante em algum aspecto. (MARTELOTTA, 2011, p. 73)

Dessa forma, a iconicidade será as características semelhantes que o ícone tem em comum com o objeto que representa. Por ser uma língua de modalidade visuo-espacial, a iconicidade está presente em grande parte dos sinais da libras, pois a relação entre a “forma” e o “sentido” é mais visível. Heloísa Maria M. L. Salles (2004), em *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*, comenta:

Um aspecto que se sobressai no contraste entre as modalidades visuo-espacial e oral-auditiva é a questão da arbitrariedade do signo linguístico. Es-

se conceito estabelece que, na constituição do signo linguístico, a relação entre o significante (imagem acústica/fônica) e o significado é arbitrária, isto é, não existe nada na forma do significante que seja motivado pelas propriedades da substância do conteúdo (significado). Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade visuo-espacial, a articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; na modalidade oral-auditiva, a articulação das unidades da substância sonora (significante) produz sequências que em nada evocam os traços semânticos do referente (significado), o que explica o caráter imotivado ou arbitrário do signo linguístico nas línguas orais. (SALLES, 2004, p. 83)

Dois exemplos que podemos destacar na libras são os sinais “árvore” e “cadeira”, constituídos a partir de características da imagem dos objetos aos quais se referem. Enquanto o primeiro lembra a imagem do tronco e das folhas de uma árvore, o segundo lembra as pernas de uma pessoa, representadas pelos dedos indicador e médio, sentada no objeto em questão.

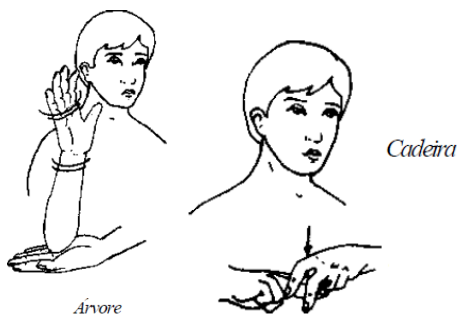


Fig. 1. Fonte: SALLES, 2004, p. 88-92

Além de ocorrer nos substantivos, a iconicidade também acontece em alguns verbos na libras, porém ela se manifesta de modo diferente. Há alguns verbos que variam de acordo com o sujeito que sofre a ação, como, por exemplo, o verbo “cair”. Se o sujeito for uma pessoa, a configuração de mão será os dedos indicador e médio em pé, representando a imagem das pernas do indivíduo em pé, e o movimento da queda será feito a partir do deslize desses dois dedos pela palma da mão, representando a queda de um ser humano. No entanto, se o sujeito for um objeto, como uma folha de papel, a configuração de mão será o sinal de “papel” e o ato de cair se relacionará com o movimento que esse objeto faz em direção ao chão. Logo, o verbo “cair” tem natureza icônica, pois sua

constituição é influenciada pelo modo como o sujeito ao qual ele se refere se comporta.

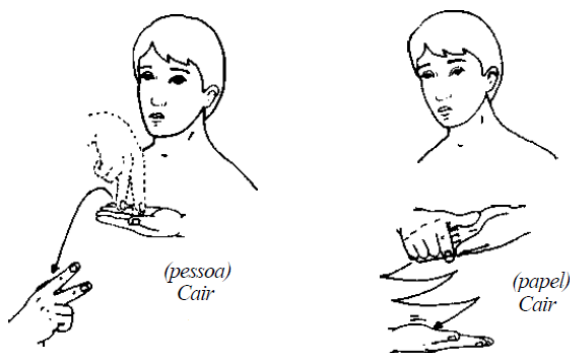


Fig. 2. Fonte: SALLES, 2004, p. 93.

No entanto, apesar da iconicidade estar mais presente na língua de sinais, não podemos considerar essa uma característica exclusiva das línguas visuo-espaciais, pois, nas línguas orais auditivas, ela também está presente, como é o caso das onomatopeias¹¹. Além disso, não podemos afirmar que a libras é uma língua exclusivamente icônica, pois, como nos mostra Gesser (2009 *apud* SAUSSURE, 2006):

[...] mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um “acordo coletivo tácito” entre os falantes de uma determinada comunidade. (GESSER, 2009, p. 24 *apud* SAUSSURE, 2006)

3. A arbitrariedade na libras

Na visão saussuriana, uma unidade linguística, chamada também de signo, é formada de duas partes: um conceito, que ele chamará de “significado”, e uma imagem acústica¹², que será denominada de “signi-

¹¹ De acordo com Gesser (2009) “Podemos verificar [a iconicidade] no clássico exemplo das onomatopeias como *pingue-pongue*, *ziguezaque*, *tique-taque*, *zum-zum* – cujas formas representam, de acordo com cada língua, o significado”. (GESSER, 2009, p. 24)

¹² Em relação à ideia de imagem acústica, é importante lembrar que esse conceito não se relaciona com o som material, pois, como explica Saussure (1916), “esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a impressão que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste

ficante”. Além disso, para o linguista, a relação entre essas duas partes é arbitrária¹³. Como ele explica:

Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa a qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

Logo, a ideia de arbitrariedade da língua se relaciona com a ideia de convenção: enquanto a palavra “cadeira” é icônica na língua de sinais, na língua portuguesa, por exemplo, ela é arbitrária, pois só recebe esse nome devido a uma convenção que estabelece esse conceito e não porque há uma relação entre o som da palavra e o objeto que ela designa.

No caso da libras, alguns exemplos que podemos citar são os sinais do substantivo “biscoito” e “pessoa” e do verbo “desculpar”. Diferente dos exemplos acima, os sinais abaixo não têm seus constituintes influenciados pela imagem dos objetos aos quais eles se referem. Eles mostram que, mesmo a libras sendo uma língua de forte motivação icônica, alguns dos seus sinais são arbitrários.

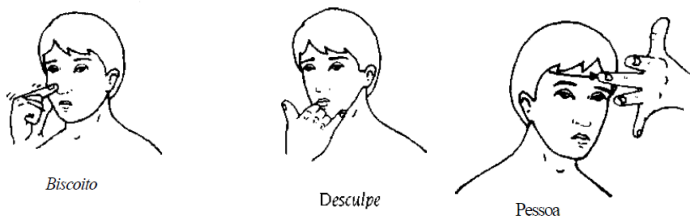


Fig. 3. Fonte: SALLES, 2004, p. 87-88

Outros exemplos que também podem ser citados são alguns verbos, como “ter” e “querer”. Nesses casos, seus sentidos foram estabelecidos a partir de conceitos convencionais criados e não porque seus significantes nos dão “pistas” ou têm alguma relação direta com seus sentidos.

sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

¹³ Segundo Saussure, a palavra *arbitrário* “não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

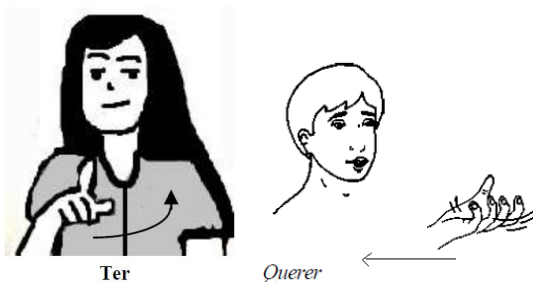


Fig. 4. Fonte: Teixeira; Leitão (2013, p. 93)

4. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo trabalhar questões relacionadas a iconicidade e arbitrariedade na libras, conceitos propostos por Peirce e Saussure, respectivamente. A partir da análise do tema em questão, além da descrição da língua brasileira de sinais, foram discutidas questões que justificam o status linguístico da libras e desconstruem preconceitos em relação à língua.

Apesar de inúmeras lutas e séculos de opressão, podemos observar progressos significativos no que diz respeito à comunidade surda, como a oficialização da libras, o direito do surdo de ter um intérprete nas instituições educacionais, a obrigatoriedade da inclusão do ensino de libras nas áreas de licenciatura no ensino superior para surdos etc. No entanto, para que a libras seja realmente reconhecida como língua, é necessário, além da implementação de políticas públicas, estudos que descrevam suas singularidades e que desconstruam estereótipos equivocados.

Eliminar o preconceito e reducionismos da sociedade é um caminho difícil, mas mudar a perspectiva e o olhar que temos em relação à comunidade surda é um fator fundamental para que haja a real inclusão. Além disso, são necessárias modificações de modo que as especificidades da comunidade surda sejam atendidas e, principalmente, sua singularidade linguística respeitada. É preciso que seja desenvolvida uma visão crítica em relação ao contexto social atual, direcionando o olhar para os surdos e criando a consciência de que essa comunidade é composta por integrantes ativos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 79, p. 23, 25 abril 2002.

_____. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 246, p. 28-30, 22 dez. 2005.

DECHANDT, Sônia B. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, R. M.(Org.). *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, Sueli. Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações. In: *Grupos de estudos por área*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2007.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. de A. (Orgs.). *Temas em educação especial IV*. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

_____. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SALLES, Heloísa Maria M. L. et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Uma breve retrospectiva da educação

de surdos no Brasil (II). Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. In: _____. *Libras em contexto: curso básico do estudante cursista*. Brasília: SEESP, 2001.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes; LEITÃO, Catarina Modesto de Carvalho. Flexão verbal em libras e em língua portuguesa: análise contrastiva. *Revista Philologus*, Ano 19, N° 55, p. 31-43. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/55/003.pdf>>.